

Desafios e Soluções da Sociologia

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Desafios e Soluções da Sociologia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D441	Desafios e soluções da sociologia [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-425-2 DOI 10.22533/at.ed.252192506 1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em 2 Volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

O Volume 1 foi dividido em duas partes denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHER CIGANA ENTRE BRASILEIROS E ITALIANOS	
Mariana Bonomo Giannino Melotti Monica Pivetti	
DOI 10.22533/at.ed.2521925061	
CAPÍTULO 2	13
ESCOLA EM DISPUTA: EDUCAÇÃO LIBERTADORA OU EDUCAÇÃO CONSERVADORA?	
Camila Zucon Ramos de Siqueira Siqueira Frederico Alves Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2521925062	
CAPÍTULO 3	28
“A GENTE SABE QUANDO DÁ PRA FALAR E QUANDO NÃO DÁ”: MEDO, SEGREGAÇÃO E SILENCIAMENTOS NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM REGIÕES PERIFÉRICAS	
Maria Izabel Machado Marcelo Bordin	
DOI 10.22533/at.ed.2521925063	
CAPÍTULO 4	45
A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA TRILOGIA <i>ÓPERA DOS MORTOS, LUCAS PROCÓPIO E UM CAVALHEIRO DE ANTIGAMENTE</i>	
Ivonete Dias Marcos Hidemi de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2521925064	
CAPÍTULO 5	54
A VIVÊNCIA FEMININA NA CIDADE: PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER	
Maria Vitoria Silva Cardoso Rosângela Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2521925065	
CAPÍTULO 6	65
LGBTTIFOBIA E RE(VE)LAÇÕES UNIVERSITÁRIAS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO NOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE E A POLÍTICA LGBT	
Claudio Leão de Almeida Junior Danielle Jardim Barreto Fernanda Gracielle Aguiar Zonta	
DOI 10.22533/at.ed.2521925066	
CAPÍTULO 7	76
MASCULINIDADES VIOLENTAS: LEGITIMAÇÃO E NORMATIVIDADE	
Kety Carla De March	
DOI 10.22533/at.ed.2521925067	

CAPÍTULO 8	85
NAS TESSITURAS DO CORPO E DAS SEXUALIDADES EM CLARICE LISPECTOR E MICHEL FOUCAULT: UMA APRECIÇÃO CRÍTICA DO LIVRO “A VIA CRUCIS DO CORPO”	
Danila Faria Berto	
DOI 10.22533/at.ed.2521925068	
CAPÍTULO 9	95
O ASSÉDIO MORAL NO NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO: DISCURSO DE MOBILIZAÇÃO E PRÁTICA PREDATÓRIA	
Igor Assoni Monteiro da Silva	
Marilane Carneiro Di Mario	
Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.2521925069	
CAPÍTULO 10	108
O QUE PENSAM AS MULHERES SOBRE ‘SEXO E AS NEGAS’	
Daniela Rocha Drummond	
Nelson Rosário de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.25219250610	
CAPÍTULO 11	123
VIOLÊNCIA NO ÂMBITO FAMILIAR: UMA ANÁLISE ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE A VIOLAÇÃO DE DIREITOS NA INFÂNCIA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES ATENDIDAS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E DEFESA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE – NEDDIJ - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE – CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.	
Amanda Beatriz Louris	
Carla Liliane Waldow Esquivel	
Elizângela Treméa	
Francieli Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250611	
CAPÍTULO 12	133
A CONSTRUÇÃO DO HERÓI CHE E AS MASCULINIDADES EM CUBA: CONSTITUINDO UM OBJETO DE PESQUISA	
Andréa Mazurok Schactae	
DOI 10.22533/at.ed.25219250612	
CAPÍTULO 13	146
ABUSO SEXUAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DE PROJETOS DE ENFRENTAMENTO NO PARANÁ	
Bruna Regina Battisti	
Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.25219250613	
CAPÍTULO 14	154
BUNDA, CULTURA NACIONAL E MISTIÇAGEM NO BRASIL	
Ana Paula Garcia Boscatti	
Joana Maria Pedro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250614	

CAPÍTULO 15	166
DISCUSSÕES SOBRE IDENTIDADE RELIGIOSA: O CASO DOS PEREGRINOS	
Marcelo Pereira Souza Marcelo Alário Ennes Alessandra Rodeiro Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250615	
CAPÍTULO 16	182
ENVIOS DE MEMÓRIA EM ELIDA TESSLER	
Isabela Magalhães Bosi	
DOI 10.22533/at.ed.25219250616	
CAPÍTULO 17	188
HERANÇA AFRICANA E MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO: PATRIMÔNIO, ESPAÇO E DINÂMICAS POLÍTICAS NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO	
Hannah da Cunha Tenório Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.25219250617	
CAPÍTULO 18	205
MEMÓRIA, SILÊNCIO, ESQUECIMENTO E TURISMO	
Raniery Silva Guedes de Araujo Karla Estelita Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.25219250618	
CAPÍTULO 19	212
PIADAS CONTRA NEGROS: VIOLÊNCIA EM FORMA DE HUMOR JOKES AGAINST BLACK PEOPLE: VIOLENCE AS HUMOR	
Paulo Sérgio de Proença	
DOI 10.22533/at.ed.25219250619	
CAPÍTULO 20	225
QUEM E COMO SE DEFINE O ÉTNICO NA AUTO IDENTIFICAÇÃO “ÉTNICO RACIAL”?: DILEMAS DAS COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.	
Marcos Silva da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250620	
SOBRE O ORGANIZADOR	238

A VIVÊNCIA FEMININA NA CIDADE: PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER

Maria Vitoria Silva Cardoso

Graduanda em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: vitoria.next123@outlook.com

Rosângela Ribeiro da Silva

Professora Dra. Adjunto do Instituto de Humanidades da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. Atua no curso de Pedagogia. Pesquisadora, colaboradora do Grupo de Pesquisa Ontologia Marxiana e Educação/UFC; Trabalho, Educação, Estética e Sociedade/Feclesc/Uece; Trabalho, Educação e Luta de Classes/UFC; Educação, Cultura e Subjetividade/Unilab.

RESUMO: Este trabalho tem a pretensão de elucidar algumas vivências e opressões historicamente sofridas pela mulher negra, e o processo educativo em ambientes não escolares que possibilitam os caminhos para sua emancipação. A pesquisa parte de um estudo de caso, na qual relata a vivência particular de uma mulher, a partir de sensações e sentimentos vividos em situações de violência sofrida nos ambientes sociais, inclusive, familiar, num contexto de machismo e sua luta por melhorias na vida. Os caminhos da pesquisa serão trilhados pela pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental com autores como Bourdieu (1989), Chartier (1995), Jardim e Tussi (2013), para compreensão e exposição sobre

a violência simbólica, bem como intelectuais negras como Davis (2016), Conceição Evaristo (2016), Ribeiro (2017), dentre outras. Espera-se com essa pesquisa possibilitar uma reflexão sobre as vivências femininas, bem como encorajar mais mulheres a irem à luta pela liberdade pessoal e coletiva.

PALAVRAS-CHAVES: Gênero, mulher, Machismo, ambientes sociais, luta, processos educativos.

ABSTRACT: This work has the intention of demonstrating several experiences and oppressions historically suffered by the working black woman in the society as well as the the educational processes in non- school related environments that provide paths for their emancipation. This research is based on a case study that reports the particular life experience of a black woman, her sensations and feelings experienced in violent situations lived in social, including family, environments in a context of sexism and her struggles for improvements in her life.

The paths of research are traced by a qualitative, bibliographical and documentary research with authors like Bourdieu (1989), Chartier (1995), Jardim e Tussi (2013), for understanding and exposition on symbolic violence, as well as black intellectuals such as Davis (2016), Conceição Evaristo (2016), Ribeiro (2017) and others. It is

hoped that the research will facilitate a reflection os women’s experiences, as well as encourage more women to joy the fight personal and collective freedom

KEYWORDS: Gender, woman, sexism, social environments, struggle, educational processes.

1 | INTRODUÇÃO

Na cidade a qual nasci, tinha a sensação de que nada era tão ruim assim, mas era pequena e sequer sabia o porquê de me chamar Vitoria. Aos quatro anos de idade já havia visto coisas o bastante para saber que eu não devia me aproximar ou mexer com meu pai quando o mesmo estivesse bêbado. Já havia dormido na vizinha porque o homem da minha embriagado, havia colocado a vida de todos da sua família em risco pois em um de seus surtos tentou nos matar, em outro momento, após pressionar minha mãe a fazer e aceitar coisas que ela não queria, fez com que ela também tentasse tirar sua própria vida na frente de todos. Naquele momento eu já sabia que não podia esperar muito do meu futuro enquanto mulher. Infelizmente a minha trajetória dentro de casa, dentro deste corpo feminino na minha família foi de mal a pior. Hoje, aos 19 anos, preciso lidar não apenas com o machismo em família, mas com o machismo nas ruas, na universidade, nos ambientes sociais, junto a todos os problemas psicológicos que isso me trouxe. No decorrer do texto farei uma exposição sobre minha caminhada pessoal até os dias de hoje, tentando evidenciar a realidade de várias outras mulheres que já se encontraram ou se encontram na mesma situação que já estive, para que, de alguma forma, possa incentivar a luta feminista enquanto necessidade na sociedade em que vivemos.

“O que está em jogo aqui é a própria definição dos poderes femininos permitidos numa situação de sujeição e de inferioridade. Será necessário compreendê-los como a autoridade plena que as mulheres detêm numa esfera limitada - uma autoridade, aliás, muitas vezes exercida em detrimento de outras mulheres? Como uma participação limitada e minoritária nos poderes dos homens? Como contrapoderes sedutores, secretos e ilícitos? Ou ainda como uma reapropriação e um desvio (que é retorno contra o dominador) dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina? (CHARTIER, pag. 47, 1995)

Chartier (1985) explicita a importância de nos inquietarmos cada vez mais quanto ao lugar da mulher dentro da sociedade, que historicamente, tem seu papel limitado, invisibilizado, diante de construções de poderes absolutos para determinados

setores sociais, diga-se de passagem, o masculino, branco, sem pretensão alguma de considerar o feminino nas esferas de poder. Nesse sentido, este debate que ora nos propomos a fazer, é uma forma de retirar a mulher da posição que lhe foi dada socialmente, e colocá-la onde ela quer e deve estar. Usando o método do relato de experiência podemos enxergar a realidade na mulher que não só neste momento da história como em muitos outros foi obrigada a manter-se silenciada com as suas dores, sejam quais fossem elas.

Durante esta pesquisa, destacaremos as minhas vivências, juntamente com o apoio teórico de alguns autores e autoras que discorrem sobre o processo emancipatório ao qual estamos nos inserindo enquanto mulheres. Conceição Evaristo(2016) em seus escritos anuncia nos contos as experiências de pessoas da favela, descrevendo sua vida, a luta diária e as violências ali vividas no espaço citado. A mulher negra vem tomando a cena, como o alvo das pesquisas sobre feministas, numa vivência diferenciada das outras mulheres, sem aqui deslegitimar ou subestimar a luta de todas as mulheres, mas para ela, para a mulher negra, a justiça não chega com tanta facilidade. O relato aqui trabalhado, por ser de uma mulher da favela e negra, também merece este recorte. O que desejamos neste trabalho se assemelha com o método utilizado por Evaristo (2016) em seus contos sobre procurar saber mais sobre as dores, anseios e acima de tudo, resistência das mulheres.

A infância, na visão das pessoas sempre remete a inocência, pureza e coisas do tipo, mas, infelizmente, para algumas pessoas a infância foi justamente a perda de todas essas denominações. Quando criança, não sabia quão errado era deixar homens mais velhos me tocarem enquanto ficava paralisada sem saber o que fazer, às vezes, fugia, chorava, gritava, porém, quase sempre me sentia tão inferior a todo aquele contexto que só conseguia me sentir mais inferior ainda e rezar para que Deus me perdoasse por não conseguir pedir ajuda.

Segundo o Ipan (Instituto de Psiquiatria Avançada e Neuromodulação), em 2017 70% das vítimas de estupro eram crianças e de todas as vítimas, apenas 10% denunciam. Eu fiz parte deste pequeno número em 2016. Meu primeiro agressor fora meu pai aos seis anos de idade (até onde me lembro). A partir disso fui me tornando uma criança cada vez mais vulnerável, então logo outros homens foram se aproveitando desta minha “característica adquirida”. Logo os amigos de família se sentiam à vontade em me mandar fazer coisas nojentas que, ainda hoje, mesmo depois de muita luta interna, ainda não consigo verbalizar o que realmente acontecia.

Após todo esse processo, com doze anos de idade, os abusos chegaram ao fim, entretanto estava na construção da minha personalidade, então apesar de não ser mais violentada fisicamente, ainda conseguia ver muita violência ao meu redor, com meus monstros internos fazendo tudo se tornar algo horrível, ainda ouvia gritos, julgamentos, aliciamentos a meu redor. Meu corpo estava sofrendo modificações e eu não conseguia ama-lo, só sentia nojo de mim mesma e parecia que todos ao meu redor também sentiam isso.

O corpo por si só, gerava em mim outros pontos vulneráveis, como ser observada, ou receber uma advertência que deveria começar a fazer exercícios, pois estava engordando muito rápido. Com toda a pressão por mudança corporal, acabei desenvolvendo distúrbios alimentares, passando grande parte da minha pré-adolescência, vomitando tudo o que comia e depois de um tempo se recusando a comer, até precisar ir no médico, perdidos dez quilos em um mês. E no meio de tudo isto, eu não conseguia enxergar em lugar algum um olhar puro e sincero de ajuda. Como todas as pessoas, fui à procura de alguma ajuda espiritual e respostas interna, entrei na igreja e fui devota durante três anos. Ali era um lugar da cidade onde os meus problemas da época não eram vistos como ruins, entretanto, logo percebi que naquele local, meus problemas eram ao invés de perdoados, esquecidos, pois não conseguia perdoar meu agressor, além do mais, toda essa violência fez que desde muito criança, ter envolvimento com meninos rápidos, como sendo um mero desejo sexual que após o ato, novamente voltava a sentir nojo de mim. Dentro da minha trajetória na cidade me descobri lésbica. Logo percebi que não havia mais espaço pra mim naquele local me fazendo assim sair da igreja e me tornar livre de instituições.

Recorrendo às análises de Djamilia Ribeiro (2017), afirmamos que não se trata, apenas, de falar das minhas experiências enquanto mulher negra, mas buscar entendimentos teóricos a partir dele, expor uma realidade vivida por milhares de outras mulheres e buscar soluções para estes.

2 | METODOLOGIA

Para melhor construção do nosso trabalho optamos pela pesquisa exploratória, na qual abordaremos políticas educativas para a emancipação da mulher nesta sociedade. A partir dos nossos principais pontos de discussão, que seriam procurar a partir das vivências femininas, saídas para o emaranhado de agressões diárias sofridas por mulheres negras, escutar mais sobre estas mulheres a fim de promover um espaço para que se sintam confortáveis em falar sobre suas vivências em relação às lutas contra estas mesmas agressões e, por fim, promover a partir dos estudos dos processos pedagógicos, quais destes estariam acessíveis para o entendimento das mulheres da periferia que fossem capazes de emancipá-las das prisões que lhes cercam. Segundo Chartier, a submissão imposta às mulheres torna-se por si só uma violência simbólica, causada pela “dominação histórica, cultural e linguisticamente construída” (CHARTIER, pag.45, 2005). A naturalização dessas violências é um dos pontos principais do trabalho, afim de dessas formas desconstruí-las.

Bourdier (1989) defende a ideia de que o poder simbólico nada mais é que uma forma das classes dominantes (sociais e gênero) colocarem sua forma de poder as classes dominadas, fazendo-os acreditar que precisam fazer aquilo pois é a ordem natural. Essas imposições são definidas conforme o interesse das classes sobre as

outras. Com estas informações torna-se possível entendermos os variados motivos para que a violência simbólica sofrida pela mulher cotidianamente exista, já que foi algo que durante séculos havia sido naturalizado e ainda hoje a classe patriarcal continua tentando nos convencer sobre nosso lugar de submissas e silenciadas.

De acordo com o autor Bourdier (1989): “(...) Isso significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma força ilusória, mas que se define numa relação determinada e por meio desta entre os que exercem o poder que lhe são sujeitos (...)”. Ou seja, para o autor, poder simbólico nada mais é que um poder oculto dentro da sociedade que através de leis, criadas pelos próprios dominantes controla as classes subalternizadas.

Entendemos, conforme o pensamento de Bourdieu (1989), que é por meio deste poder simbólico que o sexo masculino em geral se sente no direito de se sobrepor ao sexo feminino, visto que as regras sociais criadas por eles mesmos, anos atrás se coloca como verdades absolutas em nosso cotidiano permitindo que violências aconteçam com a maioria da população que não detém deste poder simbólico.

3 | RESULTADOS DA DISCUSSÃO

A minha trajetória como corpo feminino na cidade de Fortaleza, foi construída a partir de olhares julgadores, muitas vezes secantes que me deixavam envergonhada por ser exatamente quem sou, entretanto, com um pouco mais de idade, aos 16, as cantadas nas ruas, os assobios, os assédios podiam até me atingir enquanto mulher, mas não me fariam mais se esconder. “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”. (CHIMAMANDA ADICHIE, 2014, P. 57)

Aos dezesseis, também decidi enfrentar o grande mostro que durante toda a vida me assustava, dei entrada a denúncia por estupro vulnerável contra meu pai. Foi o grande momento em que tive que de fato reconhecer todos os danos que minha infância teria me causado, a partir daquele momento entrei em outra fase da vida, onde precisei, mesmo com todos os sentimentos agonizantes verbalizar a dor guardada em todos os anos passados. Naquele momento, mais que em qualquer outro, as verdades e a segurança que havia criado foram por água a baixo.

Em 2016 também fora um ano de ocupação estudantil, movimento da qual fazia parte. A euforia por justiça não só por mim, mas por todos que estavam a meu redor explodiam em mim. Então tudo era muito intenso, foi onde fiz todas as loucuras sem pensar nas consequências, onde, vez ou outra, chegava em casa em estados deploráveis. Lutar pela justiça custava caro para quem já lutava por questões internas. Era certo que há muito tempo as coisas não iam bem, entretanto tudo piorava. Fiz a denúncia e comecei a ser acompanhada psicologicamente, mas não era o suficiente. Dentro de toda a pressão por mil coisas, sendo uma delas meu futuro estudantil, era impossível me manter de pé sóbria. Chegando em 2017, não passei para ingressar

na universidade no primeiro semestre, era hora de reconhecer que o fracasso, não fora por causa de nenhum dos problemas, o fracasso era completamente minha culpa, escutei muitas vezes a frase “aconteça, o que acontecer, a culpa é sua” e naquele momento, eu realmente me senti culpada por tudo.

Naquele momento, não importava quem tinha feito, o que importava eram as sequelas que as violências haviam deixado em minha mente. Mais uma vez, eu não conseguia lidar com os olhares secantes, o medo de acontecer de novo e todos os outros sentimentos citados anteriormente, em todos os lugares que ia, em todas as pessoas que conversava me sentia insegura por conta do que acontecera, mesmo sendo algo de anos, continuava em minha memória como algo que poderia ter acontecido dias atrás. Foi quando soube que as coisas não tinham sido acabadas no processo da denúncia, fui chamada a uma audiência onde teria que explicar para a juíza, promotora, psicóloga, advogado em uma sala como, onde e quando tudo acontecia. E foi aí onde mais uma vez meu chão afundava cada vez mais. Algumas coisas não falei anteriormente, mas durante toda esta trajetória estava prestes a tentar pela sétima vez suicídio, a primeira foi aos onze anos de idade. Em 2017, fora a primeira vez que vi minha mãe aos prantos pedindo que promettesse que não faria mais aquilo, fora a primeira internação em um hospital e a primeira vez que todos viram que as coisas não estavam nada bem comigo. Hoje o processo de denuncia tem melhorado bastante com o depoimento especial, na qual busca deixar a vítima mais confortável em seu processo de relato.

Acredito que uma das resoluções mais eficientes para melhorar uma sociedade é a educação, e é através deste complexo social, que acredito que possa ser o caminho para se buscar saídas que tenham como horizonte a emancipação da mulher.

Chimamanda (2017) dedica seus escritos às crianças justamente com o objetivo de dar a elas uma educação feminista, que pretendia acima de tudo pregar o respeito entre todos os gêneros, buscando sempre mostrar passos que possam facilitar este entendimento para uma criança. Sua primeira sugestão é demonstrar completude para você mesma, sendo esta uma forma de você mesma se entender como uma pessoa que possui os mesmos limites que qualquer outra e que nenhuma característica sua faz de você menor ou maior que alguém. Trabalhando em cima deste único preceito, podemos retirar várias formas para começar a explicar a uma criança a importância não apenas do feminismo, mas da educação sexual para que em situações de abusos ela possa buscar ajuda, ou mesmo em uma situação de dúvidas sobre si mesma possa ter a confiança de alguém por perto, podendo evitar machucados.

Uma outra autora que estará estimulando a educação como forma de emancipar-se das prisões machistas que nos cercam é Catherine (2009) que propõe uma educação de leitura de mundo como atividade pedagógica para que a partir deste exercício possamos nos sentirmos humanos. Durante muitos séculos e negações de nossos direitos, fomos educadas a não nos entendermos como pessoas que deveriam ser representadas pela carta aos direitos humanos que nos foi proposto.

Fomos educadas, principalmente as mulheres negras da periferia e indígenas a nos desumanizarmos enquanto oprimidas, merecedoras apenas da subsistência. Desta forma a atividade de ler o mundo para se sentir humano novamente tem a finalidade de retirarmos dos nossos corpos todas as imposições que foram colocadas nele, para que, assim, possamos nos reconstruir em busca de nossas novas percepções de direitos dentro da sociedade.

Penso que agora, você deve estar se perguntando, e onde a cidade entra nisso? Bom, em vários lugares na verdade, em todo pra ser mais exata. Uma mulher assediada todos os dias na rua, na universidade, no trânsito e em vários espaços públicos é uma violência que milhares de mulheres passam todos os dias, entretanto, imagine uma mulher que já foi violentada passar por tudo isso, várias delas passam e sequer são reconhecidas. Não importa se ela efetuou ou não uma denúncia, mas esta mulher teve que ter muita força para continuar intacta, mesmo depois de tudo.

Em 2017, Fortaleza ocupava a terceira cidade do Nordeste que mais comete violência contra a mulher. Essas mulheres estão em todos os lugares da cidade, segundo uma pesquisa feita por estudantes da Universidade Federal do Ceará junto ao Instituto Maria da Penha.

Ao longo da minha caminhada dentro deste corpo feminino outrora violentado, criei uma empatia pela causa feminista, pois quando percebo que várias dessas mulheres são julgadas por terem sido violentadas eu me ponho no lugar de cada uma delas e tento sentir o que elas sentem e são dores horríveis. A verdade é que a cada onze minutos uma mulher é estuprada no Brasil, contando apenas com os casos denunciados FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública). Onde estão essas mulheres que não denunciaram? Exatamente, elas estão em todos os lugares. A verdade é que a cultura de estupro não poupa ninguém.

A Rede Aquarela, órgão responsável pelo meu acompanhamento psicológico nos últimos três anos tem ainda hoje um papel muito importante na vida das vítimas que denunciam o abuso e de mesas de debates para alertar sobre a violência e a importância da denúncia. A sua criação em 2005 já tinha como objetivo principal acolher as vítimas de abusos sexuais em crianças e adolescentes.

Hoje, dentro da vida universitária e morando em outra cidade, tive que reinventar minhas formas de me relacionar para não ser confundida com alguém que está dando em cima de alguém, ou está aceitando que te assediem. Na primeira semana que cheguei em Redenção, cidade a qual moro atualmente, tive uma crise de pânico porque não sabia como reagir a tanta violência dentro dos olhares machistas que me cercavam, com o tempo precisei ter cuidado com cada palavra e demonstração de afeto só para me poupar de alguma interrupção de caras que pensam que estava disponível. Depois de muito mudar, os olhares ainda continuaram, pois apesar de estar sempre séria por conta dos assédios, não permitia que o machismo também ditasse a forma que deveria me vestir. Sempre gostei dos shorts curtos, das famosas cropped, e não importava o quanto aquilo pesava quando passava em frente a construção, tentava

me manter firme como um ato de resistência, como se através da minha insistência eles pudessem entender que não era eu que precisava ter vergonha, mas, sim eles, essa foi uma das várias brigas que tive a favor da minha liberdade.

Dentro da minha caminhada, também queria apontar não apenas a minha participação, mas como já havia dito antes, a participação das pessoas ao meu redor, como por exemplo, a minha mãe, que durante todo o meu processo de luta interna esteve comigo, porém, sofrendo, talvez mais do que eu por conta do sentimento de culpa. A violência não era apenas comigo, era com ela. Dentro de alguns dos meus relatos ela se sentiu à vontade para confessar que já havia sido violentada fisicamente por ele, falou sobre várias vezes que o mesmo tentara matá-la, sobre um relato específico de quando ainda estava grávida de mim. Ele havia chegado bêbado em casa, ameaçou minha mãe, e ela não levando muito a sério, ao mesmo tempo sabendo da pequena capacidade disso acontecer, procurara seus outros dois filhos para sair dali. Estando no nono mês de gestação, era mais complicado se movimentar e logo ele conseguiu alcançá-la, e em meio ao desespero para fugir, minha irmã ainda pequena pegara um pedaço de pau onde se defendeu e conseguiu escapar mais uma vez da morte, e me salvara ainda dentro do ventre de minha mãe.

Em outro momento, quando já tinha dois anos de idade a mesma situação se repetiu, minha mãe pedira para que corrêssemos para a casa da vizinha, entretanto, eu não consegui, apenas fiquei paralisada, quando me dei conta já estava na minha vizinha. Depois de um tempo fui diagnosticada com epilepsia infantil que com o tratamento médico, aos doze anos consegui levar uma vida sem remédios. No entanto, durante toda minha trajetória, essa mulher fora a que me salvou mais vezes do que sou capaz de contar, sendo ela e várias outras mulheres extraordinárias que me fortalecem em escrever meus relatos hoje, a procura do fim desta cultura machista e violenta, na qual todos os dias presenciamos a atitude de mulheres que não possuem outra opção além de serem fortes para engolir o machismo no seu cotidiano.

Não podemos dizer que não houve avanços no aspecto legalista, de enfrentamento a tais situações, como os órgãos facilitadores da denúncia e de apoio à vítima e sua família. A Rede Aquarela pode ser citada como exemplo, pois sendo ela de âmbito municipal tenta promover este acompanhamento da vítima junto à família, assim como a DCECA (Delegacia Contra a Exploração da Criança e do Adolescente). Nesta, pode-se efetuar a denúncia, bem como no CREAS (Centro de Referência Especializado da Assistência Social) que cuida de pessoas e famílias que tiveram seus direitos humanos violados. Os Conselhos Tutelares são responsáveis por garantir os direitos essenciais da criança e do adolescente, inclusive de ter um ambiente saudável e de acesso à educação escolar. Apesar de lentamente, a justiça no Brasil, a partir das mobilizações de movimentos sociais, associações populares, dentre outros, vêm demonstrando essa sensibilidade com as vítimas de agressão sexual, dentre outras agressões e violências, implementando o depoimento especial para que as pessoas em tais situações possam se sentir mais seguras e confortáveis, menos pressionadas

no depoimento e denúncia contra o agressor.

Esta forma de acolhimento consiste em uma metodologia áudio visual onde a vítima irá ficar em uma sala sozinha, sem advogados, promotores ou qualquer outra pessoa da justiça e falará seu depoimento que será repassado através de câmeras e áudios. Infelizmente não pude desfrutar desta tecnologia, mas, ainda assim, me sinto gratificada pelas melhorias em saber que a dificuldade de verbalizar a dor está sendo minimamente assistida.

Tenho alguns questionamentos que gostaria de explicitar aqui nesse espaço de discussão: Qual o papel da família diante das lutas contra os casos de abusos e exploração sexual? O que o Estado pode fazer para tornar o processo de denúncia menos doloroso e mais acessível às vítimas? Há possibilidade de emancipação das mulheres negras vítimas destas agressões? Estes três questionamentos têm conduzido minha procura por respostas ainda vagas nesse caminho da leitura em articulação com a materialidade concreta da vida das mulheres que estão mais distantes dos equipamentos sociais do Estado.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina Maria de Jesus (1960) foi uma das autoras mais renomadas no assunto “favela” do século passado e deste. Seus escritos foram feitos em forma de um diário onde relatava como eram seus dias de luta em busca da sobrevivência de si mesma e dos filhos. Apesar de ser escrita por uma semianalfabeta sem pretensões alguma de se tornar algo além de mais uma miserável de onde morava, é um dos livros que mais choca toda a população mundial por trazer tanta verdade nas palavras. Este também trouxe grandes olhares da literatura brasileira por se algo tão bem maquiado neste país onde poucos tem muito e muitos não tem nada. Sua forma de escrita foi mais uma que tive como referência neste trabalho, já que assim como o trabalho dele, busco trazer não só uma realidade que pesa não só a leitores, mas a quem lhes escreve por ser uma história real.

Como este trabalho possui um caráter exploratório, nossa pesquisa, que ainda se encontra no seu estágio embrionário, não possui um ponto final, visto que a continuação deste se faz necessária até o momento em que estas vítimas estejam assistidas e haja uma erradicação desta violência, na promoção de uma cultura de respeito a todas as pessoas. Até lá, nosso trabalho continuará buscando ajudar, relatar e discutir tais questões, que são mais comuns do que se possa imaginar.

Evaristo (2011) tenta em seus escritos demonstrar toda sua sede de justiça e o coloca na sua obra. Assim como ela, pretendo aqui colocar-me como lutadora pela causa, pois inspirada nos escritos de Conceição Evaristo (2011), eu não consigo superar nas lembranças, os detalhes mais humilhantes que ficaram na minha garganta.

No exercício de relato da experiência vivida, gostaria de finalizar com um poema de autoria própria que fiz enquanto pensava em tudo isso, em busca de uma luz que

hoje, aos poucos, vou reconhecendo em meu caminho.

RECEITA MÉDICA

Quando tudo doer

Tudo ficar tão difícil que você não seja capaz de se levantar

Quando perder o controle de suas ações

Por favor grite

Grite até cansar

Grite como se toda a imensidão precisasse te ouvir

Como se a dor saísse junto com seus berros

Quando você levantar da mesa

E perceber que todos queria que fosse embora

Por favor fique

Por um momento mostre que você é capaz

O pior sempre foi ficar e aceitar

Toda a maldade do espaço

Vai precisar disso

Então fique

Quando for expulso até de si mesmo

Quando nem você aceitar ter a si mesmo como responsabilidade

Por favor, tome banho

Um banho de duas horas e deixe a água limpar todo aquele peso

Que suas costas insistem em carregar

Isso tudo pode acontecer no mesmo momento

Então, antes de fazer qualquer coisa

Dispa-se de todas as roupas, as bagagens, as feridas

Deixe apenas seu corpo naquele momento

E veja em si a beleza e a feiura que te torna alguém.

VITORIA CARDOSO\

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda a minha família, amigos, professores que me ajudaram nesta caminhada. Em especial a professora Rosangela que construiu comigo este trabalho e a minha mãe que sempre me deu forças para esta caminhada.

REFERÊNCIAS

BOURDIE, Pierre (1989), **O poder simbólico**. Lisboa: Difel.

CHARTIER, Roger. **Diferenças entre os Sexos e Dominação Simbólica** (nota crítica). In: Cadernos Pagu (4). Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995, p.43.

CHIMAMANDA, A (2014), **Sejam Todos Feministas**. Nigéria, Editorra Schwarcz,

CHIMAMANDA, A, **Para Educar Crianças Feministas**. Nigéria, Editorra Schwarcz. 2017.

EVARISTO, Conceição, **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Editora Malê, 2016.

JARDIM, R. T.; TUSSI. **Trabalhando Gênero e os Direitos das mulheres em sala de aula**. In.: MEIRELLES. M. et al.(Org.) Ensino de Sociologia: Diversidade, Minorias, Intolerância e Discriminação social.UFRGS.2013.p.186,187,188,189,195,199.

JESUS, C. M. **Quarto de Despejo**, MG, Editora Francisco Alves, 1960.

MARTINS, A.P.A.; CERQUEIRA, D.; MATOS, M.V.M. **A Institucionalização das políticas públicas de enfrentamento à violência contra mulheres no Brasil**. Nota técnica n.13. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, 2015.p.03,10, 33

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In. CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36401054> EM 13/05/2018

<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,uma-mulher-e-violentada-a-cada-11-minutos-no-pais,10000053690> EM 13/05/2018

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/fortaleza-fica-em-3-lugar-no-ranking-nordestino-de-violencia-contra-a-mulher-1.1855217> EM 13/05/2017

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-425-2

